Ano VII — Lisboa, Outubro-Novembro de 1951 — N.os 78-79

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

REABRIRAM AS AULAS

VAMOS ESTUDAR!

Agora que ficaram para trás as despreocupações das férias — dois longos meses de divertimentos sadios, de semanas passadas em contacto com a Natureza, quer no campo, quer na praia, dois meses em que se retemperaram os nervos e as energias perdidas por dez meses de trabalhos e de canseiras—abre-se de novo diante de nós o caminho do estudo e das preocupações.

Como deve um Escoteiro encarar um novo ano lectivo no seu limiar? Evidentemente que de sorriso nos lábios, como preconizava B.-P. Mas tal sorriso deve ser franco, como convém a Escoteiros. Não deve ser o sorriso trocista do céptico ou o sorriso estereotipado do indiferente; tão-pouco deve ser o sorriso forçado do indolente, daquele que, mesmo para sorrir, lamenta o esforço dispendido em franzir os lábios num sorriso. Deve, sim, ser o sorriso sadio, franco, aberto do Escoteiro que nunca olha as dificuldades com temor, antes vê nelas um meio de, mais uma vez, pôr à prova a sua capacidade de resistência, de provar se a têmpera do seu moral continua sã.

Um Escoteiro deve distinguir-se de todos os que o não são: pelo seu porte na sociedade, pela sua boa vontade em servir, pela sua competência profissional no trabalho, e, se é estudante, pela sua assiduidade no trabalho e pela regularidade metódica no estudo. Estudar faz parte daquele conjunto de normas e preceitos, de actos e de factos, de esforços e de tentativas, de fluxo e refluxo a que B.-P. chamou *the Game* — o Jogo.

Estudar é preparar-se para um desafio em que os concorrentes serão: primeiro, os condiscípulos que irão prestar provas de exame connosco; depois, os camaradas que connosco hão-de concorrer ao grande concurso da Vida. O brio pessoal de um Escoteiro não lhe permite que em nenhum dos casos possa ser vencido senão pelos melhor dotados do que ele. Mesmo neste caso, nenhum Escoteiro que SENTE e VIVE o Escotismo, se deve deixar vencer sem esforço por parte do antagonista. A luta retempera o carácter e só sabe bem a vitória alcançada com esforço.

Ora para vencer numa prova de exame, a despeito da contingência deste e dos imponderáveis que, porque o são, não podem prever-se, é necessário a um Escoteiro trabalhar mais do que qualquer «rosto pálido». Cada Escoteiro tem de lembrar-se de que JUROU uma Lei e que esta lhe impõe deveres tão prementes como as necessidades fisiológicas de comer, de beber ou de dormir. Não estudar é infringir, acima de tudo, a 1.ª Lei, porque a sua honra lhe impõe o evitar que nele se não confie; a 2.ª, porque se torna desleal para com os pais que o têm a estudar para depois, na vida, poder singrar; torna-se desleal ainda com os mestres, a quem engana fingindo estudar, ou infringe a 5.ª Lei, porque não corresponde com cortesia ao esforço dos professores para o ensinarem e lhe transmitirem as noções necessárias que lhe permitirão avançar; é ainda, e sobretudo!, desleal para com a Pátria, que dele espera a preparação bastante para ser um cidadão útil e prestante na vida, cumprindo assim a 3.ª e 4.ª Leis como bom Escoteiro.

Todo o país que deseja progredir e ocupar lugar de destaque no concerto das nações, deve velar pela preparação técnica e cultural dos cidadãos. País cujos rapazes entrem na vida mal preparados técnica e culturalmente está condenado a vegetar e a deixar-se vencer por outros,

(Conclui na 2.ª página)

A Presidência e Direcção do VII «Jamboree»

O «Jamboree» da Áustria, apesar de ter sido organizado tendo em vista a *simplicidade*, visto que até os seus organizadores o quiseram denominar o *Jamboree da Simplicidade*, constituiu, apesar disso, uma tarefa bastante importante e trabalhosa para o escotismo austríaco, pois não nos devemos esquecer que se efectuou num país que luta ainda pela sua reconstrução em todos os sentidos e que a Associação dos Escoteiros da Áustria só depois da guerra se reorganizou, pois esteve largos anos interdita. O esforço efectuado pelos escoteiros austríacos merece, por todas essas circunstâncias, a nossa maior admiração.

Para realizar esta tarefa, o VII «Jamboree» contou com a patrocínio do Presidente da República Federal Austríaca, Dr. Theodor Körner, que se dignou aceitar a presidência honorária do Jamboree; e de um Conselho Honorário, de que faziam parte os Drs. Eng. Leopold Figl, Chanceler Federal; Felix Hurdes, ministro da educação; Ernest Kolb, ministro do comércio e reconstrução; Karl Gruber, ministro dos negócios estrangeiros; Heinrich Gleibner e Josef Klaus, respectivamente governadores da Alta Áustria e Salzburgo.

O Conselho do «Jamboree» era composto pelos Srs. Georg Reininghaus, presidente; Karl Pühruniger secretário; Coronel J. S. Wilson director da Repartição Internacional de Escotismo; Franz Pospisil, escoteiro-chefe da Áustria; representantes do Governo e delegados regionais do escotismo austríaco.

A Comissão Executiva era constituída pelos Srs. Eng. Adolf Klarer, chefe de campo: Franz Schückbauer, e Dr. Carl Bihlmeier.

A chefia dos diferentes campos e diversos serviços estava a cargo de categorizados dirigentes escotistas e todos se desempenharam das suas missões com evidente

(Conclui na 2.ª página)

A Presidência e Direcção

do VII «Jamboree»

(*Conclusão da 1.ª página*)

dedicação, recebendo os visitantes com muita gentileza. A boa vontade e hospitalidade dos escoteiros austríacos supriu, com vantagem, as pequenas deficiências notadas no acampamento.

Países representados no VII «Jamboree»

África do Sul
Alemanha
Austrália
Áustria
Bélgica
Brasil
Birmânia
Canadá
Ceilão
Chile
Dinamarca
Egipto
Estados Unidos da América
Finlândia
Formosa
França
Grã-Bretanha
Grécia
Guiana Britânica
Holanda
Hongkong
India
Iraque
Irlanda
Islândia
Itália
Jamaica
Líbano
Liechtenstein
Luxemburgo
México
Noruega
Nova Zelândia
Paquistão
Portugal
Quénia
Rodésia do Sul
Serra Leoa
Síria
Sudão
Suécia
Suíça

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

SERVIÇOS CENTRAIS

Do Boletim oficial n.º 6, de 27 de Setembro p. p., extraímos algumas rubricas de interesse geral ou de que ainda não demos notícia:

Recompensas — Por proposta do Chefe do Grupo 9, foi agraciado com a medalha de dedicação e bons serviços — Prata — o Escoteiro Sr. João Patrício de Melo.

Por proposta do Chefe da Região Centro, a mesma medalha ao antigo Escoteiro Espanhol Enrique Genovés Guillem, pelos relevantes serviços prestados ao Escotismo, incluindo o português.

Demissões — De Chefe do Grupo n.º 79, o E. S. António Castro Lopo de Carvalho, a seu pedido por impossibilidade pessoal de ocupar o cargo.

De chefe do Grupo n.º 85, o E. S. Artur Ferreira Manso, a seu pedido e pelo mesmo motivo

De Chefe Ajudante do Grupo n.º 85, o E. S. Mário Gonçalves por conveniência de serviço.

Suspensão de funções — De Chefe do Grupo n.º 2, o E. S. Álvaro Rodrigues, até esclarecimento das divergências surgidas com a Comissão de Patrocínio do referido Grupo e respectiva decisão final.

Nomeações — Para Chefe do Grupo n.º 79 (Chefe interino) o E. S. Joaquim Gil Serra Pereira. (Interinidade posta pela Direcção até resolução definitiva do caso do Grupo n.º 2, de cuja Comissão de Patrocínio continua a fazer parte).

Para Chefe do Grupo n.º 85 o E. S. Mário Gonçalves.

Para Chefe do Grupo n.º 2 (interino) o E. S. Eugénio Henrique Ramos. (Interinidade pelo mesmo caso do Grupo 2).

REABRIRAM AS AULAS

VAMOS ESTUDAR!

(*Conclusão da 1.ª página*)

tantas vezes de muito menor extensão territorial e até muito menos povoados.

Se não fosse a sólida preparação que os nossos nautas de Quatrocentos e de Quinhentos receberam, jamais teríamos descoberto a África, chegado à Índia, penetrado no Extremo Oriente. O extraordinário avanço que o Japão teve a partir da revolução de 1868 não seria possível sem o esforço gigantesco, hercúleo dos seus cidadãos para, ao fim de muitas dezenas de séculos de vida estática, assimilarem toda a soma de ideias, de preceitos, de princípios e de sistemas que a Europa havia acumulado até então e constituíram e constituem a base da sua civilização. O formidável impulso que tomou a Alemanha a partir dos meados do século XIX e lhe permitiu vir, em duas escassas décadas, a ocupar um dos primeiros lugares do Mundo, deve-se ao esforço dos seus estudantes, dos seus militares, dos seus mestres, dos seus sábios, dos seus operários, das próprias mães de família, todos a trabalharem de concerto para que a sua pátria — durante tantos séculos presa fácil do estrangeiro e campo de batalha obrigado para derimir pleitos europeus — viesse a ocupar o lugar da vanguarda. Disciplina social, sim. Mas esta é primeiro disciplina familiar, e, depois, disciplina escolar.

Nós, Portugueses, a par de muitas qualidades que nos exornam, temos bastantes defeitos, que se torna FORÇOSAMENTE necessário corrigir. Um deles, e talvez o mais perigoso, é o da improvisação, possìvelmente uma das formas bastardas do Sebastianismo: cremos sempre que não se torna necessário esforço porque na ocasião o milagre se fará e as dificuldades serão vencidas.

Para o caso do estudante, essa improvisação consiste em esperar que um colega, durante as chamadas lhe «sopre» a lição, ou lhe «passe o ponto» em dia de exercício ou em exame. E a esperteza «saloia» do cábula fica satisfeita com ter enganado o mestre, supondo-se, por esse facto, um génio incipiente! Lá chega o dia em que a tal esperteza de nada vale, porque em presença dos factos o que se torna necessário é aplicar o cabedal de conhecimentos, preceitos ou princípios que se deviam conhecer e não conhecem, comprometendo-se, tantas vezes irremediàvelmente, o futuro e até a própria vida.

Desenganem-se os maus estudantes e os maus Escoteiros: com o seu desleixo, a sua indiferença, a sua cabulice podem enganar pais, mestres, camaradas, amigos ou desconhecidos; não enganarão, porém o severo juiz CONSCIÊNCIA, como não enganarão os de um meio diferente se a vida um dia os levar até lá. Tais processos são indignos de qualquer Escoteiro, que, consultando a consciência, se sentirá vexado, profundamente envergonhado por haver descido a tais baixezas.

Escoteiros estudantes: a Pátria precisa de vós. Pode necessitar do vosso esforço físico para empunhardes uma arma e, no momento do perigo, a defenderdes. Mas muito mais vezes precisará de vós para a elevardes, a dignificardes, a servirdes com a vossa inteligência e o vosso saber. Tanto se serve a Pátria no campo de batalha, manejando uma espingarda ou uma metralhadora, como se serve empunhando uma pena, um compasso, uma régua, manobrando uma alavanca ou um volante, abrindo uma estrada, construindo uma barragem, preleccionando do alto duma cátedra, utilizando um bisturi, um estetoscópio ou um aparelho de radioscopia, servindo-se dum microscópio num laboratório, ou duma lupa na biblioteca na leitura de arrevesado manuscrito. Tudo, porém, requer preparação longa que reclama esforço e tenacidade. Para um Escoteiro estas palavras devem constituir um atractivo tão poderoso como para Sherlock Holmes constituíam os casos mais intrincados de descobrir.

Portanto, meus rapazes, agora que reabriram as aulas, vamos estudar!

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

PARA MEDITAR

A CALÚNIA

Das armas pérfidas e nada aconselháveis que o homem usa nos seus desvairos, nas suas fraquezas humanas, nos mesquinhos e pequenos combates de homem para homem, luz, sem dúvida, em lugar de destaque, a vil arma da calúnia. Quem empunha tal arma não se dignifica, nada se prestigia, e se acaso a utililiza em benefício de qualquer causa, cedo ou tarde reconhecerá que os benefícios que tanto ambicionava se transformaram em verdadeiros amargores de boca. «É mais fácil apanhar um mentiroso do que um coxo» — diz o adágio que anda na boca da nossa gente. E é bem verdade. Mas bem poucos dão o seu verdadeiro apreço à ciência amadurecida do povo e ainda bem poucos descem à análise das coisas para extraírem os princípios que lhes evitaria enveredarem pela sinuosidade dos caminhos.

.....

O uso da calúnia revela a indigência moral daquelas normas que tornam qualquer indivíduo digno e merecedor da nossa gratidão e respeito; mostrando-nos o puro bufão, que, não encontrando melhor defesa, minguando-lhe argumentos plausíveis e convincentes, toma mão duma arma que só o amesquinha e ridiculariza.

.....

Quem edifica a sua vida com essa pobre argamassa de mentiras e calúnias, está condenado a ver desabar toda a estrutura, que só por má fé ou toleima, considerava sólida e bem construída. O nosso desmedido orgulho, a paixão exarcebada que colocamos nos nossos interesses, a violência com que acentuamos as nossas palavras, torna-se tudo estéril ante a fria evidência das coisas. Quem se serve da calúnia, torna-se a sua primeira vítima. Não nos é dado a nós fabricar a verdade, não está ao nosso alcance criar «a nossa verdade» ou «a nossa razão». A verdade encontra-se nas coisas.

Não podemos de maneira alguma chamar a verdade para o nosso lado, pelo contrário, nós é que devemos caminhar para a verdade. E a serenidade de julgamento afigura-se-nos condição indispensável para possuirmos a verdade. Faltando essa condição, o caminho da calúnia obscurece os nossos olhos, prometendo-nos os êxitos momentâneos e fugazes que sempre se produzem nos momentos de aturdimento, mas também ameaçando-nos

(Continua na 8.ª página)

A Câmara Municipal de Sintra recebeu a medalha de "Bons Serviços", classe ouro, por ocasião do XVII aniversário do Grupo n.º 93

Apresentando um programa cuidadosamente elaborado e que foi largamente distribuído pela população de Sintra, com o respectivo convite, comemorou o Grupo n.º 93 o seu 17.º aniversário, nos dias 8 e 9 do corrente.

Antes da noite, os Grupos da Região Centro montaram os seus acampamentos nas traseiras do Palácio Nacional, sob a direcção do Chefe Regional do Centro.

O «Fogo de Conselho» anunciado efectuou-se-se no largo fronteiro ao referido Palácio, onde se concentraram todos os escoteiros acampados, bem como os escutas do Grupo daquela vila e representantes dos Grupos n.º 6 de Olhão, e 15 do Porto. Numeroso público constituía a assistência que presenciou o espectáculo com muito interesse e curiosidade. O «Fogo de Conselho» foi dirigido pelo E. C. Amâncio Salgueiro Júnior, segundo o ritual da sua autoria.

O Chefe Regional proferiu uma alocução aos escoteiros, pondo em destaque a fraternidade que deve existir entre os escoteiros e o prazer que sentia em assistir à comemoração de mais um aniversário do «93».

Depois da leitura da Ordem de Serviço, prestaram Compromisso de Honra os aspirantes José Luís da Silva Mendes e Fernando Simões Laranjeira.

O Escoteiro Sénior João Madeira Leitão pronunciou uma palestra sobre a Lei do Escoteiro, que foi ouvida com muita atenção, dando à assistência uma explicação muito interessante dos princípios que norteiam o Escotismo e a importância do cumprimento da Lei na vida do escoteiro, terminando com o seguinte apelo:

— «Vamos procurar os maus elementos onde eles se encontrem, mas não vamos deitá-los fora, vamos sim cultivá-los e teremos a alegria de dizer que num terreno inculto, onde só as más plantas brotavam, o egoísmo foi substituído pelo altruísmo, a maldade pela bondade, a mesquinhez pela generosidade; e tudo que era mau se transformou em bom. E teremos assim a certeza de que continuaremos sem desfalecimento a obra iniciada por Baden-Powell.

«Vamos pois, Escoteiros de Portugal, construir um Portugal que seja um lar acolhedor para todos os que a ele se dirijam, um Portugal onde todos os homens sejam irmãos, onde não haja nem grandes nem pequenos, onde os corações sejam fortes, onde a amizade cresça livremente ao Sol.

«Baden-Powell soube muito bem que o escotismo seria um laço que iria unir a humanidade inquieta. E não será o nosso comportamento a melhor propaganda que poderemos fazer à sua obra?»

Durante o «Fogo» foram cantadas as diversas canções que compõem o ritual e terminou com a canção Eh Lá! e o hino nacional.

Na sede do Grupo n.º 93, no Palácio Municipal de Valenças, realizou-se uma sessão íntima, que deu oportunidade à troca de saudações.

No Domingo, o acampamento esteve patente ao público, tendo sido visitado por muitas pessoas, algumas de alta posição social.

O Grupo n.º 93 aproveitou esta oportunidade para fazer entrega à Câmara Municipal de Sintra da Medalha de Dedicação e Bons Serviços-Classe Ouro, que lhe foi conferida pela Direcção da A. E. P. em reconhecimento dos serviços prestados ao Escotismo. A cerimónia realizou-se num dos salões da Câmara, tendo o Chefe Regional do Centro lido o ofício em que se conferia a medalha e feito a entrega da mesma e do

(Continua na 10.ª página)

LIVROS ESCOTISTAS

À venda na Administração do «Sempre Pronto»

EM FRANCÊS

Tresses et Nœuds décoratifs ..... 15$00
Les Ponts ..... 15$00
Aventures Africaines, de B.-P. ... 22$00
Franchis l'obstacle, de B.-P. ..... 22$00
B.-P., por E. E. Reynolds..... 21$00
Jeux d'Eclaireurs, de B.-P. ..... 22$00
Pour devenir un homme, de B.-P. . 22$00
Les 1001 activités de l'éclaireur, de B.-P. ..... 21$00
Le livre des Eclaireuses, de B.-P. 23$00
Le Guide du Chef Eclaireur, de B.-P. 16$50
Le Manuel du Chef de Patrouille, Hillcourt..... 25$00
Santé, Education Phjysique, Sports, Contrôle Medical..... 4$00
Éclaireurs, (Tradução francesa do «Scouting for boys»)..... 23$00
Pistes de Jungle, (caderneta do lobito), muito ilustrada a cores.. 15$00
Le Livre des Louveteaux, de B.-P. 23$00

EM ESPANHOL

Rovers, de Gilcraft..... 20$00
Lobatos, de Gilcraft..... 20$00
Montañismo, Novidade Literária, a esplêndida obra de Enrique - Genovés, muito ilustrada ..... 25$00

EM PORTUGUÊS

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira ..... 4$00
O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes..... 11$00
Curso de Monitores, interessantes lições de um curso de guias de patrulha da Região Riograndense da U. E. B..... 12$50
Como se dirige uma alcateia, por Vera C. Barclay, uma obra clássica de lobitismo ..... 12$50
O Livro dos Lobinfios, de Baden-Powell ..... 12$50
O Adestramento de Chefes, colectânea de trabalhos sobre o adestramento de chefes e o curso do «Gilvell Park» e as relações deste campo-escola com o Escotismo mundial.... 4$00
O que é Escotismo, interessante exposição do método escoteiro. Tradução do inglês..... 2$50
Bases Fundamentais do Método Escoteiro Tradução do inglês.... 2$00
Como iniciar uma tropa escoteira. Explicação da maneira como iniciar um grupo de escoteiros, ilustrado, e traduzido do do inglês..... 2$50
Padrões de Acampamento..... 4$00

Muitas outras obras em francês. Aceitam-se requisições para obras escotistas de editoriais inglesas, francesas, suíças ou de língua espanhola, e de livros culturais ou de educação franceses.

■ ■

Postais Ilustrados Escotistas. Edições inglesas da «Boy Scouts Association». Ilustrações sortidas, cada postal 1$20 e..... 1$50
Cromos de Boas-Festas, com excelentes ilustrações a cores, desde 3$00 a..... 5$00

(Como dispomos apenas de uma pequena quantidade, os interessados devem fazer as suas encomendas com antecipação).

Impressos de propaganda, cento... 37$50

Pelo correio acresce o porte.

Pedidos à Administração

Revista brasileira «ALERTA!...»

Assinaturas na Redacção do «*Sempre Pronto*» a 10$00 por semestre e 18$00 por ano.

ELEGÂNCIA ESCOTISTA

No passado verão (1950) chegaram muitos escoteiros à cidade em que eu resido. Vinham de diversos países; uns, em pequenos núcleos, outros formando grupos numerosos que enchiam autocarros, e inclusivamente passou um que viajava completamente só. Com a maior parte deles conversei um bocado ou, pelo menos, intentámos entendermos mùtuamente quando a ignorância dos nossos respectivos idiomas não nos permitia outra coisa. De todos guardo uma boa recordação, e inclusivamente mantenho o contacto através de uma amigável correspondência. De todos menos de um par de rapazes cuja documentação acreditava como escoteiros, porém, cujo aspecto o negava rotundamente. Tive que fazer um verdadeiro esforço mental para identificar, naqueles rapazes, os traços de um uniforme escoteiro. Os meus visitantes deixaram à sua passagem — quero crer que inconscientemente — uma esteira de descrédito para o Movimento Escoteiro.

* * *

O nosso uniforme é, talvez, o mais airoso, prático, alegre e vistoso de todos os uniformes que a juventude pode usar em qualquer parte do mundo. Permite uma grande liberdade de movimentos na nossa vida ao ar livre, e o seu uso acostuma-nos a não prestar excessiva atenção ao frio ou ao calor, ao sol ou à chuva. Os nossos braços ao ar livre proclamam que um escoteiro está sempre pronto a meter mão a qualquer trabalho. O calção curto, o lenço ao pescoço, e o nosso chapéu de quatro pancadas, é talvez o mais característico do uniforme escotista. Muitos milhares de rapazes de todo o mundo, têm e usam um uniforme de escoteiro, um uniforme que é quase idêntico, pois as suas modificações nalgumas nações não desvirtuam em nada o seu préstimo e simbolismo.

O uniforme caracteriza-nos e pelo uniforme nos conhece o público. Temos pois o iniludível dever de vesti-lo correctamente. O chapéu não pode levar-se pendurado no ombro, nem com as abas onduladas como um tobogã. O lenço no pescoço não é nem uma corda nem um chale, ainda que haja escoteiros que assim o creiam. De igual forma há aqueles que crêem que é muito elegante passear com as meias caídas e as mãos nos bolsos do calção, (no meu país o calção escoteiro só tem algibeiras na parte de trás). Também é um erro acreditar que o Escotismo está zangado com a limpeza; as manchas na camisa ou o barro nos sapatos, nada de louvável dizem de um escoteiro.

Que pensaríamos de um General que levasse uma bota rota, a polaina sem apertar devidamente, e o boné no ombro? Pois algo semelhante pensa o público quando vê um escoteiro com o uniforme posto de qualquer maneira.

* * *

—Que exagero?—Pode ser que sim. Porém, posso assegurar-vos que houve quem exagerasse primeiro que eu. Sem ir mais longe, o *Comité* do Jamboree da Paz, *Comité* constituído, como todos sabemos, por magníficos dirigentes escotistas, esse *Comité*, que carregou sobre si com a pesada tarefa de organizar um Jamboree na então destroçada França, preocupou-se entre múltiplas coisas, em deitar umas normas no intuito de conseguir uma apresentação correcta dos escoteiros em público, como meio de prestigiar o Movimento em França. Creio que todos as conhecemos, — ainda que pareça que muitos Chefes e Seniores não as recordam, — e valem para qualquer país e em qualquer país e em qualquer momento.

Ordenava-se a apresentação correcta do uniforme, não fumar em público, não dar o braço a nenhuma senhora — nem ainda à própria esposa —, não permanecer de uniforme em *cabarets*, bares, salas de jogo, e, enfim, comportar-se como um cavalheiro enquanto vestisse o uniforme escoteiro. Na realidade, nada do novo, nada do outro mundo; porém era muito interessante refrescar a memória dos esquecediços, recordar-lhes que um escoteiro é sempre um escoteiro, porém mais ainda o é quando veste o uniforme.

Por próprio decoro, por prestígio do nosso Movimento, todos temos o dever de vestir correctamente o uniforme e comportarmo-nos como aquilo que somos, como escoteiros. A coisa não é assim muito difícil; porque não se nos pedem filigranas nem elegâncias caras. Só se nos pede limpeza, cada peça bem colocada, e aprumo para as levar.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

N. da R.—Este artigo, como de resto todos os trabalhos do nosso colaborador Enrique Genovés, merece a meditação de todos os escoteiros, mas especialmente dos guias e dos chefes de grupo. Lamentàvelmente tem-se permitido entre nós uma liberdade nos uniformes, que talvez o nosso fardamento não esteja merecendo já a classificação de «uniforme». Na falta de um regulamento de uniformes — e aqui a culpa continua a ser dos Serviços Centrais — cada grupo criou apêndices da sua imaginação, berliques e berloques *ridículos; muitos escoteiros usam nas platinas umas inestéticas e feias passadeiras negras com o número do seu grupo, coisa que dá o aspecto de um perpétuo luto carregado.*

Tivemos recentemente oportunidade de assistir numa localidade dos arredores de Lisboa a um desfile de escoteiros de diferentes grupos e entristeceu-nos a apresentação. É necessário que se perca a mania — perdoem-nos o termo — dos grandes efectivos. O nosso Movimento, em Portugal pelo menos, terá de ser um Movimento de pequenos efectivos. É necessário olhar à qualidade. *Sempre que a necessidade nos obrigue a fazer um desfile, procuremos que os escoteiros se apresentem com aprumo, com um fardamento uniforme. Se não for possível apresentar um grande contingente, apronte-se uma secção; se ainda mesmo uma secção não for possível, prepare-se uma só patrulha em ordem e apresente-se essa patrulha. Mas não se ofereça ao público o espectáculo de um contingente fardado uns com chapéus, outros com bóinas de diferentes modelos; de calções caqui, azuis, pretos, castanhos, de veludo e até brancos. Meias castanhas, pretas e cinzentas. Uns desfilando com varas, outros sem vara. Um contingente assim, por muito grande que seja, é uma péssima propaganda do Movimento.*

Verdade seja que aos chefes de grupo cabe principalmente a responsabilidade destes casos, e são eles mesmo quem muitas vezes se julga no direito de introduzir alterações no uniforme.

Sabemos que há grandes dificuldades para que os rapazes adquiram os fardamentos e os chefes vêem-se forçados a transigir para poder apresentar escoteiros uniformizados. Mas o Escotismo é uma escola que prepara o rapaz para a luta com a dificuldade. Não anulemos as dificuldades. É necessário que elas existam para que o escoteiro se habitue a vencê-las e a missão do Chefe será exactamente habituar o rapaz a lutar para que possa vencer as dificuldades e saborear o prazer dessa vitória, ganhando treino e co-

(Continua na 5.ª página)

Deixámos em Inglaterra verdadeiros amigos!

—diz-nos Mariano Inácio, escoteiro-júnior do Grupo 94, que fez parte de uma das patrulhas portuguesas que visitou a Inglaterra.

Um acontecimento como este da visita a Inglaterra dos escoteiros portugueses não é vulgar entre nós; por isso, é absolutamente justa a curiosidade que ele suscitou entre os escoteiros que ficaram cá, ansiosos pelas novidades que os seus camaradas têm para contar.

O «*Sempre Pronto*», por intermédio dos dirigentes da delegação, já satisfez em parte esse desejo dos seus leitores. Sabendo-se, porém, do escotismo rudimentar que ainda se pratica no nosso país, julgamos de interesse que um dos nossos escoteiros mais novos nos conte as suas impressões sobre o primeiro contacto com o verdadeiro Escotismo B.-P., como é o que se pratica na Grã-Bretanha. Foi por isso que escolhemos o jovem escoteiro do 94 Mariano Inácio para nos transmitir as suas impressões.

— Fomos onde nunca esperámos ir, — disse-nos ele quando o abordámos. — E ainda menos esperávamos ser recebidos com tanta amabilidade, pois os nossos irmãos britânicos foram inexcedíveis em gentileza para connosco.

— Mas não foram só os portugueses que visitaram a Inglaterra, pois não? — perguntámos.

— Não. Estavam lá também representados 45 países estrangeiros, num total de 650 escoteiros, a maior parte dos quais regressava do «*Jamboree*»...

E, enquanto tomávamos notas no nosso canhenho, disparámos mais outra pergunta:

— Então ficaram satisfeitos com a hospitalidade britânica, não é verdade?

— Decerto, — respondeu sem hesitação o Mariano Inácio. — Calcule que até S. Ex.ª o *Mayor* de Barking, a cidade dos arredores de Londres onde estivemos instalados, demonstrou grande interesse pela nossa visita.

«Recebeu-nos no seu palácio e depois visitou-nos no acampamento. É um entusiasta do movimento escotista e o nosso contingente mereceu-lhe atenção especial... Isto quando à patrulha a que eu pertenci. A patrulha «Lusitânia», que esteve acampada em City of London, foi alvo de outras atenções...

Não havia dúvida que os escoteiros portugueses estavam encantados com a recepção dos *boy-scouts* ingleses, dada a manifestação de agrado que se adivinhava nas feições do nosso interlocutor. Mas, querendo saber mais do que foi essa visita, perguntámos-lhe qual era a sua opinião sobre o escotismo britânico.

— A minha opinião, — retorquiu ele imediatamente, — é a melhor. Estou convencido de que estive no país onde se pratica o Escotismo mais puro. Em Inglaterra toma-se o escotismo a sério: não se brinca aos escoteiros. As altas individualidades dão-lhe também toda a sua colaboração como dirigentes. Ali conhece-se e cumpre-se a Lei em todos os seus artigos...

— Os ingleses ficaram satisfeitos por termos aceito o convite para os visitar?

— Certamente que sim, pois não pouparam esforços para nos obsequiarem, e nos mostrarem o que de mais belo existe no seu país. Nas casas onde estivemos instalados tratavam-nos como se fôssemos da família, com muita amizade, o que muito nos sensibilizou. Aliás, todas as pessoas, mesmo as estranhas ao movimento, nos dispensavam todo o carinho. Pode dizer no «*S. P.*» que foi isto uma das coisas que mais me impressionou...

Estávamos verdadeiramente satisfeitos com as declarações do Mariano Inácio. Porém, havia ainda um outro ponto que desejávamos esclarecer. Assim, aproveitámos uma pequena pausa do nosso irmão-escoteiro para inquirirmos:

— Do ponto de vista escotista, achas que foi útil a ida a Londres da delegação portuguesa?

— Em minha opinião, acho que foi muito útil. Em Portugal anda-se um pouco arredado do verdadeiro escotismo. A nossa visita a Londres permitiu-nos aumentar bastante os nossos conhecimentos, se não em trabalhos do campo, pelos menos em correcção e espírito escotista, em que eles são autênticos mestres.

Era necessário terminar esta pequena entrevista e, portanto, fizemos a última pergunta:

— Tens mais alguma coisa a dizer-nos sobre a tua viagem?

— Pouco mais tenho a acrescentar além de que vi com alegria que o escotismo contribui em muito para a educação do povo britânico. Em cada rapaz se encontra um verdadeiro escoteiro.

«Também devo dizer que esta viagem veio aumentar muito a união entre os escoteiros dos dois países, pois deixámos em Inglaterra verdadeiros amigos. E quero ainda dizer antes de terminar que não mais esquecerei a dívida que contraí com a A. E. P., que me deu a honra de ser um dos escoteiros escolhidos, honra que só poderei pagar com o pouco que possa espalhar do muito que aprendi.

Agradecemos ao Mariano Inácio a boa vontade com que respondeu às nossas perguntas.

Das suas palavras, depreende-se que a visita a Inglaterra da nossa delegação foi uma actividade muito proveitosa para os nossos rapazes. São portanto de enaltecer os esforços empregados pelo organismo associativo para conseguir a sua realização.

Agora cumpre aos escoteiros pensar em retribuir as gentilezas de que foram alvo, convidando aqueles escoteiros ingleses a visitar o nosso país. Será mais uma bela actividade a vincular a amizade entre lusos e britânicos.

JOEL RIBEIRO

FRANÇOIS BARADEZ

Este nosso Amigo e Correspondente em Paris do «Sempre Pronto», depois de ter passado umas férias em Lisboa, voltou a Paris onde prossegue nos seus estudos. Agradecemos os cumprimentos que nos endereçou e desejamos-lhe muitas felicidades.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ELEGÂNCIA ESCOTISTA

(Continuação da 4.ª página)

ragem para a dura batalha da vida, onde tantas dificuldades surgem, bem mais sérias que estas do fardamento, de que não resulta nada de grave.

Necessàriamente os dirigentes escotistas em Portugal têm de passar a olhar o Escotismo como um Movimento que «não tolera a mediocridade», *como muito bem disse o Chefe belga Marmol. Precisamos de olhar para o alto e não transigir em questão de* «qualidade». *O lema da divisão lobito* «O melhor possível» *será a divisa do nosso movimento, ainda, podemos dizer, ensaiando os primeiros passos. Façamos tudo* o melhor possível *e se não pudermos apresentar* bons escoteiros bem uniformizados, *apresentemos* bons escoteiros sem uniformes, *que não serão menos escoteiros por isso, mas não nos sujeitemos nunca a transigir em questão de «qualidade». Sejamos exigentes na questão do nosso comportamento escoteiro, sobretudo cada um muito exigente consigo próprio.*

13.ª Conferência Internacional de Escotismo

Conforme nos referimos no último número, em 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto realizaram-se em Salzburgo, no Seminário Católico de «Borrowaum», as reuniões da 13.ª Conferência Internacional de Escotismo, na qual Portugal esteve presente com cinco delegados; representando o Corpo Nacional de Escutas os Srs. Dr. D. José Paulo de Lencastre, chefe Nacional adjunto; Vítor Manuel Lima e Santos, Secretário das Relações Exteriores; e Rev. José Pinto Pereira, Capelão. Os Escoteiros de Portugal fizeram-se representar pelos Srs. Eng.º José Maria Nobre Santos, Chefe Geral e Secretário das Relações Internacionais; Alexandre Ascensão Cardoso, vogal do Tribunal de Honra.

A Conferência Internacional de Escotismo, que reúne de dois em dois anos, é, pelo seu carácter, a mais importante reunião Internacional de Escotismo, visto que aqui se estudam os problemas e métodos fundamentais do Movimento, se deliberam os assuntos de carácter geral, cuja aplicação é recomendada a todas as associações membros. A Conferência é, portanto, o órgão deliberativo do Movimento e as delegações nacionais têm igual direito a voto seja qual for a extensão numérica do Escotismo no país representado.

Achámos, por estas circunstâncias, que interessaria dar a conhecer os assuntos tratados na 13.ª Conferência Internacional.

Procurámos, por isso, o Sr. Eng.º Nobre Santos, delegado da A. E. P., a quem solicitámos informes do acontecimento, e este nosso Amigo prontamente nos atendeu, facultando-nos grande parte do Relatório que apresentou à A. E. P., de onde extraímos a presente notícia e alguns períodos que abaixo oferecemos aos nossos estimados leitores, agradecendo ao Sr. Eng.º Nobre Santos a gentileza com que nos atendeu.

* * *

Na 12.ª Conferência Internacional efectuada em 1949 na Noruega foi aceite o convite da Áustria para se realizar nesse país a 13.ª Conferência e o 7.º «Jamboree» Mundial. Em princípio deste ano receberam-se nos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal os convites oficiais para estas actividades.

A Direcção teve dificuldade em constituir a respectiva delegação e foi por fim possível constituí-la pela forma a que acima nos referimos. Não houve pròpriamente delegação conjunta das duas associações nacionais, mas muitos dos assuntos foram combinados em conjunto e durante a própria Conferência todas as resoluções propostas e votações foram conjuntas, mostrando assim o bom espírito de compreensão e cooperação que existe entre os Dirigentes de ambas associações.

A delegação da A. E. P. não pôde, infelizmente, assistir às primeiras sessões do primeiro dia em virtude do atraso na recepção em Berna dos passaportes especiais para a entrada na Áustria que, em vésperas da partida, se soube ser necessário obter. Tendo seguido viagem, mesmo sem os passaportes, os nossos Delegados tiveram de regularizar a situação em Berna, o que só sucedeu no dia anterior à abertura da Conferência. A fim de vencer o atraso, prosseguiram viagem nesse mesmo dia, no automóvel que os conduziu desde Lisboa, andando toda a noite e dia seguinte, atravessando o resto da Suíça e a Áustria até Salzburgo (mais de 300 km.) onde chegaram cerca das 16 horas.

Como os nossos Delegados se faziam acompanhar de suas Esposas, a Comissão de Recepção hospedou-os em casa de um antigo escoteiro e de um seu amigo num bairro moderno de rendas limitadas, muito semelhante ao nosso Bairro de Alvalade, onde foram cumulados de gentilezas, mostrando que na Áustria como em Portugal a hospitalidade não é palavra vã.

No Seminário havia várias salas de dormitórios para os delegados que as preferiam e um vasto ginásio onde se efectuaram as sessões da Conferência. Uma das paredes estava ornamentada com um grande desenho alusivo ao escotismo mundial circundado pelos desenhos das bandeiras de todos os países onde há Escotismo. Havia um vasto refeitório onde o serviço era feito por simpáticas guias austríacas, e a entrada e escadaria estava ornamentada com as bandeiras nacionais de todos os países representados. Os jardins e matas anexas ao edifício do Seminário eram também aprazíveis e aí se reuniram algumas Subcomissões.

As Sessões da Conferência

Realizaram-se segundo a Agenda, distribuídas como se indica:

3.ª feira — 31 Julho
das 10 às 12,30 h.

= Abertura da Conferência e leitura do seu regulamento.
= Nomeação da Comissão de redacção das resoluções e auxiliares.
= Apresentação e apreciação do Relatório Bienal (1949-51) do Director da Repartição Internacional de Escotismo.
= Apresentação e apreciação dos Relatórios sobre o «Chalet» Escotista de Kandersteg (Suíça) e do Clube Escotista dos Alpes (Suíça)



Alguns dos delegados à 13.ª Conferência Internacional num dos recantos dos Jardins do Palácio Hellbrunn.

= Reconhecimento da «Associação dos Escoteiros Judeus de Israel»

Das 14,30 às 17.00 h.

=Tese do Canadá: «Como fazer conhecer o Escotismo».
= Recomendações da Comissão Internacional de Escotismo sobre: Publicações e Escotismo Sénior (Rover).
= «Fraternal Mundial dos Antigos Escoteiros» — apreciação do projecto do respectivo regulamento, como resultado das reuniões havidas em Portugal em Set.º de 1950 da respectiva Comissão de Estudo e da Reunião Internacional dos representantes de Associações de Antigos Escoteiros realizada na Dinamarca de 12 a 15 de Maio de 1951.
= Tese da Grécia sobre «O Escotismo nas cidades e nos meios rurais».
= Tese do delegado das Nações Unidas sobre «A formação da Fraternidade Mundial»

4.ª feira — 1 Agosto
das 10 às 11 h.

=Tese da Inglaterra sobre «O Escotismo no mundo de hoje»
= Tese da Bélgica sobre «Bases democráticas do Escotismo»

(Continua na 7.ª página)

13.ª Conferência Internacional de Escotismo

(*Continuação da 6.ª página*)

Subcomissões particulares:
a) Limite de idades, etc. (Suécia)
b) Lobitismo
c) Formação de Chefes
d) Uso mais extenso dos métodos escotistas nos rapazes das prisões e instituições de reeducação (Grécia)
e) Escotismo do ar
(De tarde excursão)

5.ª feira—2 de Agosto

= Eleição dos Membros da Comissão Internacional de Escotismo.
= Comunicação das resoluções das subcomissões reunidas no dia anterior.
= Sessão livre.
= Escolha dos locais e datas de várias actividades escotistas internacionais para 1952 e 1953.
= Resoluções (leitura e aprovação final)
= Resumo e encerramento da Conferência.

As sessões tiveram a honrá-las a presença de Lady Olave Baden-Powell que no acto inaugural leu uma mensagem à Conferência.

Dos auxiliares nomeados para ajudar nos trabalhos da Conferência apraz-nos referir o nome de Lima Santos, Delegado de Portugal pelo C. N. E., escrutinador de votos; e os tradutores oficiais que com o seu belo trabalho permitiram o seguimento dos vários passos da Conferência em qualquer das duas línguas oficiais — francês e o inglês.

Do relatório da Repartição Internacional é interessante destacar a nota estatística de que existiam, em 31 de Dezembro de 1950, 52 países com associações escotistas com um total de 5.200.000 escoteiros, o que representa um aumento de sete países e de cerca de 800.000 escoteiros em relação a Dezembro de 1948.

Associação dos Escoteiros de Israel — A proposta de reconhecimento da Associação de Israel provocou viva discussão, a ponto do assunto ter ficado para o fim da Conferência, no intuito de permitir que os vários delegados tomassem o devido conhecimento do assunto e pensassem no melhor procedimento a adoptar. Quando a proposta voltou a ser apreciada na sessão livre, posta à votação foi aprovada por grande maioria.

Bases Democráticas do Escotismo — Todas as teses e trabalhos apresentados foram devidamente apreciados merecendo referências elogiosas. A apreciação das «Bases Democráticas do Escotismo» teve, no entanto, críticas desfavoráveis por preconizar a eleição dos vários cargos dirigentes do escotismo, desde o Chefe de Grupo, por período fixo, tornando as próprias decisões mais colectivas. Embora se reconheça que o Escotismo tem bases democráticas, há conveniência em dar personalidade aos dirigentes dando-lhes possibilidades de decidir, de escolher e orientar, sem estar constantemente dependente da morosa resolução colectiva. Foi grande a maioria que se manifestou pela não generalização do processo de votação e de resolução dos assuntos por meio de assembleias, o que quase sempre redunda em atrasos e irresoluções, embora quando bem orientada conduza a soluções com mais possibilidade de acerto.

Foi votada a manutenção do actual sistema, frisando-se, no entanto a conveniência de não fugir da orientação democrática sempre que as circunstâncias o permitam e aconselhem.

Antigos Escoteiros — A organização dos Antigos Escoteiros mereceu especial interesse à Conferência. Um dos pontos fundamentais debatidos foi considerar a organização independente das associações escotistas, embora trabalhando paralelamente, ou se devia ser integrada no movimento escotista e com ele colaborando, embora isso contrariasse as conclusões da Comissão Internacional encarregada de estudar e emitir parecer sobre o assunto.

Foi com prazer que vimos optar pelo sistema adoptado na nossa Fraternal. A Conferência Internacional de Escotismo continuará a ser a única responsável e orientadora de todo o Escotismo, Antigos e Actuais Escoteiros, (como a nossa Conferência de Dirigentes) se bem que, fora desse organismo máximo coordenador, cada organização trabalhe independentemente.

Formação de Chefes — Quando se constituíram as subcomissões de estudo, os delegados da A. E. P. decidiram ficar na que se ocupou da Formação de Chefes, por ser o problema que presentemente mais os preocupa. Presidiu a esta Subcomissão o Chefe Director do Centro de Instrução Internacional de Gilwell, que deu vários esclarecimentos e expôs alguns planos de trabalho seguidos nos cursos de diplomação de chefes, que concedem o direito ao uso da Insígnia de Madeira.

Referiu-se ainda ao carácter nacional (inglês) e internacional do Campo Escola de Gilwell, frisando que nestes últimos cursos são dadas apenas as bases comuns e indispensáveis à boa compreensão e execução do método escotista, deixando às associações de cada país o encargo de as completar com quaisquer características nacionais.

Quanto às dificuldades de linguagem, ficou assente que os Dirigentes fariam todo o possível por fazer os cursos nas próprias línguas dos alunos, desde que o número de chefes de cada país o justifique e permita.

«1.ª INDABA» (acampamento de Chefes) em 1952 — No último dia das sessões houve eleição de membros da Comissão Internacional e dos locais para as próximas reuniões internacionais. Os cinco Delegados portugueses mantiveram-se em consulta íntima para que a sua votação fosse de carácter nacional e não associativo. Viram assim muitas da suas propostas aprovadas. Ainda se esboçou o desejo de apresentar o convite para que se realizasse em Portugal em 1952 a 1.ª «Indaba», acampamento internacional de chefes, mas a Inglaterra invocando a razão de ser a percursora do Movimento e possuir o Campo Escola de Gilwell, onde os Chefes de todo o Mundo seriam bem recebidos e poderiam aproveitar a oportunidade para obter a Insígnia de Madeira, levou de vencida todas as outras propostas e convites. Para as outras reuniões os nossos Delegados não quiseram apresentar a candidatura de Portugal por, de momento, não reunirmos condições para isso.

Lembrança das Reuniões Internacionais de 1950 — Antes do almoço desse último dia, foi entregue a todos os delegados estrangeiros, que tomaram parte nas reuniões que se efectuaram em Portugal em Setembro de 1950, um medalhão comemorativo do acontecimento com a insígnia dessas reuniões. Esta oferta deu aso a que uma vez mais fossem recordados os belos momentos vividos em Portugal.

Na sessão da tarde foram lidas e aprovadas as Conclusões e Recomendações e encerrada a 13.ª Conferência Internacional de Escotismo.

Noutro local damos aos nossos leitores um resumo dessas Conclusões.

Recepções, visitas e passeios

Enquanto decorria a reunião efectuaram-se diversos passeios e visitas oficiais, que é interessante relatar, para marcar o carácter destas interessantes reuniões escotistas.

Na tarde de 1 de Agosto realizou-se uma excursão ao palácio e jardim de «Hellbrunn» nos arredores de Salzburgo. Trata-se de um belo palácio, com aprazíveis jardins, onde residiam os antigos arcebispos reinantes.

(*Continua na 8.ª página*)

13.ª Conferência Internacional de Escotismo

(Continuação da 7.ª página)

Nessa mesma noite, os delegados que tinham reservado bilhetes assistiram no Festival Musical de Salzburgo à primeira representação da «Flauta Mágica» de Mozart.

No dia do encerramento da Conferência, o Governo deu recepção oficial aos Delegados, o que foi uma oportunidade para ouvir palavras de apreço pelo Escotismo e focar a hospitalidade do povo austríaco, muito semelhante à tradicional hospitalidade portuguesa. Foram feitas referências ao acolhimento português às crianças austríacas através da «Caritas». O Governo levou a sua amabilidade ao ponto de mandar servir um lanche de requintado bom gosto.

Nessa mesma noite, houve uma interessantíssima festa dedicada aos delegados à Conferência na antiga Fortaleza de Hohensalzburg, onde existe um característico restaurante, que possui uma orquestra e grupo de dança que apresentou um vasto reportório folclórico musical e coreográfico do seu país. É interessante notar que Salzburgo é hoje uma das cidades austríacas que mais conserva as velhas características musicais. Actualmente, segundo afirmam os próprios austríacos, Viena perdeu muito das suas velhas características.

Estas actividades e festas proporcionaram oportunidade para um admirável intercâmbio de ideias e fortalecimento de boas amizades. Os nossos Delegados conviveram especialmente com os delegados filipinos, arménios, ingleses, dinamarqueses, chilenos e sírios.

Os Delegados no VII «Jamboree»

No dia 3 de Agosto, de manhã, foi colocado à disposição dos delegados um comboio que os conduziu ao local do «Jamboree», para que, da parte da tarde, pudessem assistir à abertura oficial do grande acampamento.

Nesta grande actividade a A. E. P. não esteve representada por Delegação oficial. Sòmente o C. N. E. enviou uma patrulha que chegou depois da abertura. No entanto, os Delegados à Conferência não faltaram à abertura o que permitiu ver içada a Bandeira Nacional nos mastros das nações. Os nossos Delegados lamentaram depois ter hesitado em se encorporarem no desfile de inauguração, embora não constituíssem contingente oficial. Outro tanto não fez o Chefe Geral do Japão, delegado à Conferência, que não hesitou em se encorporar na companhia de um único escoteiro, seu filho, que desfilaram garbosamente com a sua bandeira, o que lhes valeu uma das maiores ovações do desfile.

Ao «Jamboree» já o nosso jornal fez larga referência, mas devemos registar ainda que os nossos Delegados assistiram a uma festa do contingente inglês, onde foi feita uma impressionante distribuição de diplomas de 1.ª classe a cerca de 300 escoteiros, festa a que presidiu Lord Rowallan, chefe geral da Comunidade Britânica.

Os nossos delegados assistiram ainda a outras festas em campos nacionais para que foram convidados.

Delegações presentes na Conferência

Tomaram parte nos trabalhos da Conferência delegados de 35 países dos 52 com Escotismo oficialmente reconhecido.

Estiveram representados: Arménia (refugiados), Áustria, Bélgica, Birmânia, Canadá, Chile, Cuba, Dinamarca, S. Salvador, Finlândia, França, Alemanha, Inglaterra, Grécia, Haiti, Islândia, Índia, Irlanda, Itália, Japão, Líbano, Liechtenstein, Luxemburgo, México, Holanda, Noruega, Paquistão, Filipinas, Portugal, África do Sul, Suécia, Suíça, Síria, E. U. da América e Venezuela.

Estiveram ainda presentes delegados-observadores das seguintes organizações: Unesco, Exército de Salvação (movimento social evangélico), Associação Mundial das Guias, e Aliança Mundial das Uniões Cristãs da Mocidade. Membros da Comissão Internacional de Escotismo e da respectiva Repartição Internacional. O número de presenças totalizava 163 dirigentes escotistas.

Podemos, portanto, concluir que a 13.ª Conferência Internacional de Escotismo foi uma reunião de grande valor e de acentuado interesse para o Movimento.

Noutro local publicamos as respectivas resoluções.

ENRIQUE GENOVÉS



A Direcção da Associacão dos Escoteiros de Portugal, por proposta do Chefe Regional do Centro, galardoou recentemente com a medalha de «Dedicação e Bons Serviços», classe prata, o nosso bom amigo e Irmão-Escoteiro Sr. Enrique Genovés, representante do «*Sempre Pronto*» em Madrid e dedicado colaborador do nosso jornal, em reconhecimento dos bons serviços prestados ao Escotismo, especialmente ao português.

Não é necessário encarecer a justiça desta homenagem porque Enrique Genovés é já suficientemente conhecido e apreciado pelos dedicados leitores do «*Sempre Pronto*». Escoteiro desde novo, temperou as suas virtudes e faculdades na forja das lides escotistas e continua fiel à Promessa *sempre pronto para servir*, colaborando não só nestas colunas, mas também na «Flor de Lís» do C. N. E., e noutros boletins escotistas.

Também sua Esposa, D. Loreto Azpeitia de Genovés, Escoteira dedicada, acompanha seu Esposo nos sentimentos escotistas e honra-nos igualmente com sua colaboração.

«*Sempre Pronto*» felicita o seu zeloso representante em Madrid, associando-se à justa homenagem.

A CALÚNIA

(Conclusão da 3.ª página)

com o fim inevitável: a constatação da inutilidade de tais processos. Porque, lá diz a ciência do povo: «é mais fácil apanhar um mentiroso do que um coxo». E sempre é bom que tenhamos na devida conta esses princípios que, embora andem nas bocas de toda a gente, nem sempre são rigorosamente seguidos.

RODRIGUES PENA

Excerpto de um artigo da «Gazeta do Sul» de 7 de Outubro corrente.

RESOLUÇÕES

da 13.ª Conferência Internacional de Escotismo

Muito resumidamente, e agrupadas para redução de espaço, oferecemos aos nossos estimados leitores as conclusões e resoluções tomadas:

= Referências aos dirigentes escotistas dos diferentes países, mortos nos últimos 2 anos.

= Agradecimento ao Presidente da República das Filipinas e ao Conselho Nacional dos Escoteiros dos Estados Unidos da América do Norte, pelas mensagens dirigidas à Conferência.

= Agradecimento a Lady Olave Baden-Powell pela sua presença e mensagem.

= Agradecimento ao Governo Austríaco, ao Governador de Salzburgo, à Comissão de Recepção e a todos os Escoteiros austríacos.

= Mensagem aos escoteiros da Coreia, enviando simpatia e encorajamento nos dias tristes que atravessam.

= Ratificação do reconhecimento das Associações escotistas dos seguintes países: Índia, Bolívia, Alemanha, Japão, Panamá, Turquia e Uruguai.

= Reconhecimento e filiação da Associação dos Escoteiros de Israel.

= Transmissão de votos cordiais a todas as associações membros.

= Aprovação do relatório da Comissão nomeada para estudar o problema das edições escotistas, conclusões e propostas nele feitas sobre as mesmas edições, traduções, direitos de reprodução e troca de publicações escotistas.

Às conclusões e propostas foi recomendada execução, principalmente no que se refere à Consulta à Repartição Internacional para a publicação e tradução dos livros de B.-P. Agradecimento aos membros da Comissão de Estudo sobre o assunto atrás indicado pelo seu bom trabalho.

= Resolução no sentido de ser mantida a unidade dos actuais escoteiros com os antigos, em virtude da Conferência estar persuadida de que o Escotismo forma um todo e por ela se sentir responsável pela sua orientação, pelo que foram feitos votos para que se evitem divisões. Deste modo a Conferência Internacional, a Comissão Internacional (Comité) e a Repartição Internacional (Bureau) continuarão a ser os representantes do escotismo, sem quaisquer outras organizações paralelas.

Por este facto, sentindo-se a Conferência Internacional responsável, também, pela organização dos Antigos Escoteiros, sente-se no dever de defender as suas causas e de recomendar às Associações membros para que façam todo o possível para favorecer os Antigos Escoteiros no seu desenvolvimento.

Poderão ser organizadas reuniões internacionais de Antigos para que as respectivas experiências sejam repartidas. (1)

Agradecimento à Comissão Internacional de Estudo da Organização dos Antigos pelo seu trabalho. Foi resolvido manter essa Comissão para Consultas posteriores.

= Foi condenada enèrgicamente, por sugestão da Reunião dos Comissários Internacionais realizada em Portugal em 1950, a prática do pedido do transporte de escoteiros por meio de «boleias», principalmente em países estrangeiros, visto isso ser contrário à conduta escotista. Todas as idas ao estrangeiro deverão ser convenientemente combinadas por intermédio dos Comissários Internacionais dos países respectivos.

= Recomenda-se que todos os escoteiros uniformizados em viagem a país estrangeiro, individualmente ou em grupo, devem levar uma insígnia, ou de preferência as cores nacionais, logo acima da algibeira da camisa. Esta proposta foi feita pelos Comissários Internacionais reunidos em Portugal em 1950.

= Recomendação para que todos os pedidos de insígnias escotistas, literatura, uniformes, etc.; recebidos directamente de indivíduos ou unidades pelos Serviços Centrais ou unidades estrangeiras, sejam transmitidos aos Serviços Centrais do país do solicitante, e que tais requisições sejam sempre feitas por intermédio dos serviços Centrais nacionais dos solicitantes. Proposta feita pela Comissão Internacional de Escotismo.

Poderão, todavia, ser consentidas excepções a esta regra nos casos em que esses pedidos partam de escoteiros que estejam oficialmente associados para estas trocas, com a reserva feita de serem cumpridas as regras de venda dessas insígnias.

Quando estes pedidos emanem de países que não tenham associações reconhecidas deverá ser consultada a Repartição Internacional de Escotismo.

= Foi condenada a prática de correspondência em «cadeia da sorte» ou «bola de neve» que foi julgada sem valor durável e aberta a todos os abusos. Em certos países as entidades postais proíbem uma tal prática.

Esta proposta foi feita pelos Comissários Internacionais reunidos em Portugal em 1950.

Recomenda-se, ainda, a destruição de toda a correspondência deste tipo que seja recebida e que não lhe seja dado seguimento.

= Agradecimento aos escoteiros das Nações Unidas pela publicação intitulada «Treino na Fraternidade Mundial».

= Recomendação para que nos planos de estudo e regulamentos para escoteiros de 14 anos ou mais se incluam estudos ou actividades referentes aos problemas mundiais.

= Sugestão para que as Associações reconhecidas estudem a criação de um diploma de «Fraternidade Mundial».

= Pedido feito à Repartição Internacional para colocar à disposição das Associações reconhecidas e que o desejem:

a) documentos que permitam auxiliar a ideia anterior;

b) um projecto de provas requeridas para obter o referido diploma;

c) documentação indispensável para preparar um manual e planos desses estudos.

= Agradecimento à delegação grega pelo seu relatório do «Escotismo Rural» e sugestão à Repartição Internacional para que recolha todos os elementos de escotismo isolado para serem distribuídos pelos países interessados.

= Agradecimento à delegação grega pelo relatório sobre «Uso em maior escala dos métodos escotistas» recomendando-o às associações membros:

a) a extensão do escotismo à infância deficiente ou arredada de casos sociais;

b) o valor dos métodos escotistas aplicados à juventude masculina delinquente vivendo em casas de reeducação.

= Recomendação a todas as associações que organizem Campos prevendo participação de escoteiros estrangeiros, o façam durante a estação mais favorável para esses países

= Confirmação do valor do «Curso da Insígnia de Madeira» (Curso Internacional de diplomação de Chefes) para ser mantida a unidade do escotismo futuro. Afirmação da concordância pelos princípios que são aplicados no ensino dado em Gilwell, tanto como centro nacional (inglês) como internacional de formação escotista.

= Aceitação do convite da Inglaterra para ali se realizar em 1952 o 1.º «Indaba» (Reunião Internacional de Chefes). Aceitação da orientação geral desta reunião proposta pela Comissão Internacional.

= Aceitação do convite da Itália para nela se realizar em 1952 o 3.º «Get-Together» (Reunião dos Comissários Internacionais).

= Aceitação do convite da Suíça para lá se realizar em 1953 o 5.º «Rover Moot» e do Liechtenstein para a 14.ª Conferência Internacional.

= Comunicação e aceitação dos seguintes «Jamborees Regionais»:

— 1.º «Jamboree» das Caraíbas — na Jamaica — Março de 1952

— «Jamboree» da África Oriental — Rodésia do Norte — Agosto 1952

— «Jamboree do Pacífico — Sidney — Dezembro de 1952

— «Jamborette» para os ramos de escotismo de extensão (escoteiros defeituosos) — Bélgica, 1953.

A realização desta actividade será feita sob reservas a indicar pela Comissão Internacional em virtude de certas observações feitas pela Conferência.

— Para preencher as vagas deixadas na Conferência Internacional por Pierre Delsuc, Fanderlik, Pina e Jean Salvaj, que terminaram o mandato, foram eleitos Ali Dandachi (Síria), J. Laine (México), Osvaldo Monass (Itália), Jorge B. Vargas (Filipinas) e Leon Molitor (Luxemburgo).

(1) Este resultado foi obtido depois de apreciado o estudo feito pela Comissão Internacional dos Antigos, que consultou as opiniões das várias associações, que reuniu em Portugal em Set. de 1950. Esta Comissão reuniu depois, na primavera de 1951, na Dinamarca, com delegados de Antigos de vários outros países.

DE TODO O MUNDO

A quem pertencem os nossos filhos?

Está-se lutando na Alemanha para fazer frente à filosofia materialista ensinada nas escolas da Alemanha oriental. O Dr. Hans Lokies falou sobre o tema «A quem pertecem os nossos filhos?» num dos grupos de um grande congresso da igreja protestante e disse que era necessário fazer grandes esforços para neutralizar a influência dos «centros de ensino de materialismo dialéctico a que estão expostos os escolares da zona orientnal». — *S. E. P.*

Filatelia

O governo grego emitiu uma série especial de quatro selos postais para comemorar o 19.º centenário da chegada do Apóstolo Paulo à Grécia.

Uma estampilha representa um antigo altar com a inscrição «Ao Deus desconhecido» e uma espada que simboliza a conversão de S. Paulo.

Outros dois levam retratos do Apóstolo: um pintado por Greco, outro copiado de uma pintura bizantina e o quarto representa-o pregando aos gregos. — *S. E. P.*



Por terem saído, muito contra nossa vontade, truncadas as sílabas do último problema, foi posta à prova a *ciência e paciência* dos concorrentes do nosso concurso. Assim, já nos chegaram, embora poucas, algumas soluções com o provérbio completo apesar das dez sílabas não publicadas e outras com o problema completo por os solucionadores terem encontrado as sílabas que faltavam.

Como no nosso concurso não estava previsto este caso, que esperamos não se repetirá e pelo qual pedimos desculpa, a todos os concorrentes atribuímos um ponto embora não nos tenham enviado a solução.

Aos Srs. A. S., J. V. T, de Lisboa; F. P. de Algés; e A. R. R., de Paço d'Arcos, concedemos mais um ponto por terem encontrado as dez sílabas seguintes que não foram publicadas :

POM—PRE—PRE—PRO—QUE—QUE—RI—RU—SA—SO—SO—SO.

as quais ajudarão os menos persistentes à completa solução do problema.

PROBLEMA N.º 12

Com as cinquenta sílabas abaixo, forme 25 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

1=Ostentação
2=Escuro
3=Filete
4=Essencial
5=Agradecido
6=Robustez
7=Cheio
8=Queixo
9=Fragor
10=Sova
11=Arbusto espinhoso
12=Enchente
13=Tenta
14=Barquinho
15=Verrumão
16=Pancadaria
17=Vestes
18=Demasia
19=Embaciado
20=Subtileza
21=Aceno
22=Graúdo
23=Ruga
24=Peixe
25=Campo

BA—BRU—CO—CO—CO—DA—DA—DO—DO—DO—FLU—FOS—FRI—GES GOR—GRA—GRA—JE—JOS—MEN—MO—NO—NO—PA—PA—PLE—POM—PRA—SA—SO—SON—SUL—TA—TAL TEL—TO—TO—TO—TO—TIM—TRA—TRA—TRE—TRE—TRO—TUN—VEL—VI—VI—XO.

Com as terceiras letras de cada palavra encontrada forme um provérbio português muito conhecido.

COLECÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»

6 anos, artisticamente encadernada, num só volume, papel especial

Vende-se pela maior oferta a favor do cofre do nosso jornal

Os pretendentes devem fazer a sua oferta à Administração do «Sempre Pronto»

CONFERÊNCIAS

Pelo Sr. Luciano Silva na sede da Juventude Evangélica Portuguesa

No passado dia 10 de Setembro, dentro do programa comemorativo das suas «Bodas de Ouro», promoveu a Juventude Evangélica Portuguesa na sua sede uma conferência pelo nosso prezado amigo e antigo-escoteiro Sr. Luciano Silva, subordinada ao título «Jesus fumaria?».

Presidiu o representante deste jornal, Sr. Joel Ribeiro, ladeado pelo Sr. Paulo Maurício, vice-presidente daquela colectividade, e pelo conferencista.

O Sr. Luciano Silva referiu-se aos prejuízos que advêm do tabagismo devidamente confirmados por diversos factos que apresentou. O orador falou ainda da grande actividade que em toda a sua vida tem desenvolvido em campanhas contra o uso tabaco.

No final, a assistência aplaudiu muito o ilustre conferencista e alguns dos assistentes testemunharam os benefícios que têm experimentado pelo abandono do uso inútil do tabaco.

O presidente encerrou a sessão, tendo palavras de elogio para a obra que o Sr. Luciano Silva tem levado a cabo enaltecendo também as virtudes que sempre tem evidenciado.

Estiveram representados os grupos n.ºs 1, 53, 85 e 94.

O «*Sempre Pronto*» agradece o convite e as atenções com que foi distinguido.

Intercâmbio por correspondência

Um escoteiro dos Estados Unidos da América do Norte deseja corresponder-se com um escoteiro português.

Os interessados deverão dirigir se à Secretaria das Relações Internacionais da A. E. P. indicando :—«Correspondente para o escoteiro Robert Leuw».

● Um escoteiro de nacionalidade inglesa deseja corresponder-se com um escoteiro português. Tem 12 anos de idade e interessa-se por boxe, filatelia, história e ciências naturais. Correspondência em inglês. Prefere que o correspondente tenha idade aproximada à sua. As respostas devem ser enviadas ao mesmo Secretariado com indicação : Correspondência para o escoteiro Peter Havins.

● Escoteiro do Canadá, Benard Boileau, com 17 anos, deseja corresponder-se em francês com um escoteiro de Lisboa. Reside em Montreau.

● Escoteiro dos E. U. A., Dr. Floyd V. Stentel, Dean Nova Iorque, pede troca de insígnias e outros objectos escotistas portugueses para a sua colecção.

Todas as respostas deverão ser dirigidas ao Secretariado das Relacções Internacionais da A. E. P. com a indicação do nome e país do escoteiro a que se destinam.

A Câmara Municipal de Sintra recebeu a medalha de «Bons Serviços», classe ouro, por ocasião do XVII aniversário do Grupo n.º 93

(Conclusão da 3.ª página)

respectivo diploma ao sr. Rui da Cunha, que representava o Sr. Presidente, que não pôde estar presente, o qual proferiu breves palavras de agradecimento, prometendo que o Município de Sintra diligenciaria patrocinar o Grupo 93 dentro das suas possibilidades. Os escoteiros passaram em continência, com os seus estandartes, aos representantes da Câmara, em frente do seu edifício.

E com o regresso, perto da noite, dos escoteiros a Lisboa, terminou mais uma boa jornada escotista em Sintra, onde o «*Sempre Pronto*» esteve representado pelo seu Administrador, desejando ao Grupo n.º 93 os melhores progressos nas lides escotistas.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Doentes — O nosso estimado amigo e assinante, Sr. Carlos Augusto Monteiro de Sousa, tem continuado a melhorar da doença que o acometeu. Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

Visitas — O nosso estimado amigo Sr. Manuel P. Sá Viana, antigo chefe do Grupo n.º 2, funcionário do Montepio Geral, onde foi recentemente promovido e colocado na filial do Porto, esteve em Lisboa a passar as suas férias e teve a gentileza de nos visitar em 19 de Outubro corrente. Agradecemos a atenção e formulamos votos de muitas felicidades no seu novo lugar profissional.

De Luto—Por motivo do recente falecimento de seu saudoso Pai, ocorrido em Lisboa, encontra-se de luto o nosso estimado amigo e assinante Sr. Ernesto de Sousa, antigo chefe do Grupo n.º 1, que há anos se encontra nos Estados Unidos.

Falecimento—Em 24 de Setembro p. p. faleceu no Porto, onde era muito considerado, o Sr. Joaquim Pinto da Conceição, prestigioso Director e Proprietário da revista infantil «Raio de Sol».

«*Sempre Pronto*» apresenta condolências muito sentidas a sua Viúva e Filhos.

FILATELIA ESCOTISTA

Por ocasião do recente «Jamboree», os Correios Austríacos emitiram um interessante selo escotista da taxa de 1 xelim. O selo é verde e tem ao centro o emblema do escotismo austríaco, a flor de lís amarela com as cores austríacas sobrepostas em forma de escudo. Em baixo lê-se 1951, tendo desenhado em ponto muito pequeno o emblema do «Jamboree», entre os algarismos 9 e 5.

É um bonito selo que vem enriquecer a já grande colecção filatélica escotista.

«SEMPRE PRONTO»

A fim de actualizar a publicação do nosso jornal, o presente número tem 12 páginas e é considerado duplo, referente aos meses de Outubro e Novembro.

Os nossos assinantes ficam agora prejudicados em quatro páginas, de que serão compensados noutra oportunidade.

Confiados no espírito compreensivo dos nossos estimados leitores, a todos apresentamos as nossas desculpas.

IMPRENSA

«O Semeador Baptista»

Este quinzenário, que se publica em Leiria, e regularmente nos dá o prazer de sua visita, entra em 15 de Novembro corrente no 26.º ano de publicação. Felicitamo-lo sinceramente par tão auspicioso aniversário.

A Romagem a França dos Antigos Combatentes

(*Conclusão da 12.ª página*)

«A 26 deixámos Paris, havendo chegado a Lisboa no dia 28, à noite.

«Terminara a nossa romagem, na qual tomaram parte 56 pessoas, entre elas o meu antigo impedido Manuel Gracindo, que sempre foi para mim de rara dedicação, tanto na Campanha do Sul de Angola em 1915, como na guerra em França, onde voluntàriamente me acompanhou. Convidei-o a ir comigo ver, novamente, os sítios por onde tínhamos andado, convite que aceitou, com o que me deu grande satisfação.»

«Peuples Soyez Unis! Hommes Soyez Humains!»

«Aí fica, meus caros companheiros, ainda que um pouco atabalhoadamente e sem brilho, o relato da primeira Romagem a França de um punhado de portugueses.

«Viveram-se momentos de grande elevação ao ouvirmos, nas nossas pessoas, ser exaltada a nossa Pátria, o nosso querido Portugal.

«Viveram-se também muitos e muitos momentos de emoção, e bem sentida e piedosa saudade, ao visitarmos as sepulturas dos nossos camaradas.

«Nas recepções que tivemos, em todos os locais que visitámos, nos falaram sempre na necessidade de acabarem as guerras, vivendo-se sempre em paz. E muitas das pessoas que assim falavam pareciam convencidas dessa possibilidade.

«Mas infelizmente creio bem que isso nunca se dará e a guerra, aquele monstro de que fala Vieira num dos seus sermões, não deixará de existir, sendo cada vez mais sangrenta, mais destruidora; e por isso, baldadamente, na Basílica do Cemitério de Lorette, continuará, o último verso de uma das legendas ali gravadas, a suplicar:

«Peuples soyez unis! Hommes soyez humains!»

N. da R. — Já depois do Sr. Coronel Bento Roma ter feito esta conferência, foi-lhe oficialmente comunicado pelo maire *de La Couture que lhe tinha sido conferido o título de cidadão honorário da cidade, homenagem justíssima e que sobremaneira honra Portugal, pois evoca a bravura do homenageado e dos soldados portugueses que sob o seu comando combateram na trágica e gloriosa batalha de La Lys.*

O 30.º aniversário do Grupo n.º 5

Por ocasião de mais um aniversário, o 30.º da sua fundação, e seguindo uma tradição de vários anos, resolveu o Grupo n.º 5 celebrar tão festiva data, indo, mais uma vez, de abalada, na sua máxima força, até ao Portinho da Arrábida onde, nuns terrenos gentilmente cedidos pelo seu proprietário, o ilustre advogado Sr. Dr. Jaime Neves, se manteve durante 10 dias.

As comemorações de tão feliz acontecimento atingiram grande entusiasmo, especialmente no dia 6, dia do aniversário, em que se efectuou o Fogo de Conselho, assistido por elevado número de campistas, escoteiros do Grupo 13 e vários sócios auxiliares, igualmente ali acampados. À cerimónia, que foi anunciada com foguetes e algumas peças de fogo de artifício, assistiram o Comandante do Posto da Guarda Fiscal, assim como o sócio auxiliar, pintor paisagista, Sr. Albertino Guimarães, que para ali se deslocou disposto a fixar na tela alguns dos mais belos ângulos da «sempre verde e encantadora Serra da Arrábida».

O Chefe Mário Fernandes, que festejara no mesmo dia o seu 43.º aniversário natalício e 30 anos de actividade no Grupo, teve, por tal motivo, além de um acolhimento verdadeiramente «à escoteiro», o presente mais grato que lhe poderiam dar —cinco rapazes, cujos pais, campistas praticantes, conhecedores da alta missão e dos princípios salutares do escotismo, lhe confiaram. Para quem, como o Chefe Mário Fernandes, se consagrou ao Escotismo, vendo nele uma verdadeira escola de civismo e abnegação, compreenderá até que ponto o sensibilizou semelhante gesto. De resto, a comoção que não pôde disfarçar, patente ou a todos os presentes o enorme júbilo que lhe ia na alma — alma de escoteiro

Após tão tocante homenagem, foram proferidas algumas palavras de elogio pelo subchefe do Grupo n.º 13, o qual fez entrega ao chefe Mário Fernandes de um apito de prata, oferta dos escoteiros do seu Grupo.

Durante a festa, que decorreu sempre com grande elevação e entusiasmo, foi servido a todos os presentes, chá, bolos e pudim, tudo confeccionado nas cozinhas do acampamento. — C.

IMPRENSA ESCOTISTA

«VOZ SCOUT»

Voltou a publicar-se este interessante boletim escotista depois de alguns meses de interrupção. Traz óptima colaboração e é a afirmação do espírito escotista de um punhado de «rovers» que constituem o Clã «Lobo Gris», Felicitamo-los pela sua perseverança e actividade.

«VIDA SCOUT»

Por ocasião do 40.º aniversário do Escotismo Peruano, em Julho passado, a respectiva associação iniciou a publicação de um boletim mensal com o título acima, cujo primeiro número é dedicado àquele aniversário.

«Sempre Pronto» saúda o novo colega da imprensa escotista e deseja-lhe muito progresso e vida longa.

UM ESCOTEIRO NA RESISTÊNCIA

Emocionante relato da guerra de «maquis»

Do «SCOUT» N.º 2

«Tenho de atravessar agora um terreno descoberto, amplo vale, no meio do qual se encontram as cinco ou seis casas queimadas da aldeia «Cime du Mas». Com o binóculo observo demoradamente os mais pequenos acidentes do terreno. Tudo parece morto. Escolho por onde hei-de ir e, de metralhadora em punho, avançamos aos saltos aproveitando todos os esconderijos possíveis. Enquanto no bosque a segurança é obtida pelo ouvido, aqui é a vista que tem maior importância. Por isso, paro várias vezes ao abrigo duma sebe ou de qualquer montão de pedras e dou com o binóculo uma volta pelo horizonte. Perto de «La Cime du Mas» os cães põem-se a ladrar. Escondemo-nos e, quando estão calados, voltamos atrás e contornamos as casas a grande distância.

«Eis-nos enfim em novo bosque. Fazemos uma pausa. Calculo o novo ângulo de marcha e prosseguimos com o auxílio da bússola. Começa a tornar-se difícil. São 10 horas e está quente. O nosso cantil esvaziou-se há muito e não há nenhuma fonte nas proximidades. O meu soldado arrasta as pernas e pouco depois pára, esgotado, prestes a cair. Obrigo a deitar-se, cheio de receio, ao pensar que nos encontramos numa região infestada de alemães a mais de 7 horas de caminho do nosso campo. É preciso reanimá-lo custe o que custar. Enquanto ele descansa vou colher medronhos, felizmente muito abundantes e preparo-lhe uma mistura de medronhos e de açúcar refinado. Ele toma aquilo e retoma insensivelmente as forças. Eu levo-lhe tudo, excepto a metralhadora, e continuamos.

«Meia hora depois temos Saint-Agnan à vista. Com a astúcia dos Sioux, aproximamo-nos até 200 metros da aldeia sobre um cabeço rodeado de mato, magnífico ponto de observação, de onde, em caso de perigo, se pode uma pessoa retirar sem grande risco por um caminho escavado que vai dar ao bosque.

«À vista desarmada, Saint-Agnan parece normal. Caminham algumas silhuetas pelas ruas. Deito-me de borco, binóculos em punho, de livro de apontamentos e lápis e, sector por sector, começo a minha observação. Junto duma fonte alguns homens fazem a «toilette» de tronco nú. São alemães. Conheço-os pelas botas. Atenção, uma motocicleta! Ela pára em frente duma casa donde sai um alemão de bivaque que dá ordens ao motociclista. A motocicleta parte de novo, desaparece, voltando a aparecer 20 metros depois. Há naquela região um pouco de agitação. Andam homens dum lado para o outro. Vai acontecer com certeza alguma coisa. Com efeito algum tempo depois passa à minha esquerda uma comprida coluna: soldados a pé, mulas com albarda, carros, etc... Que belo alvo para atirar! Mas a minha missão é observar. Com um gesto chamo o soldado que vem deitar-se ao meu lado: «Conta tu os carros e os animais que eu conto os homens e as armas». E durante quase uma hora cheios de atenção, observamos, contamos e tomamos nota dos diferentes elementos da coluna. Fico cheio de raiva ao ver na cauda da coluna, e com escolta, carroças conduzidas por camponeses franceses, gado roubado, transportando despojos e um grupo de dez jovens prisioneiros, dez dos nossos, sem dúvida!!!

«A coluna pára cerca do meio-dia. Alguns homens vêm arrancar batatas a um campo a menos de 200 metros de nós. Gelamos na mais completa imobilidade. Que nenhum deles se lembre de vir admirar a paisagem do alto da nossa elevação. Mas eles voltam com os respectivos sacos bastante carregados. Vemo-los fazer o almoço, comer, dar de comer aos animais e repousar. Que irão eles fazer agora? Pelas 15 horas, a coluna forma novamente e retoma a marcha em direcção ao Col du Russet. Sigo-a com os binóculos tanto tempo quanto possível. A informação é boa. Agora falta comunicá-la, e sem demora.

(Continua)

A Romagem a França dos Antigos Combatentes

(Conclusão)

Em La Couture as cerimónias foram impressionantes

À sua chegada a La Couture — disse o Sr. Coronel Roma — os combatentes portugueses foram recebidos por todo o Concelho Municipal, por numerosas autoridades que o orador citou e que a exiguidade do espaço nos não permite reproduzir, mas que demonstram o interesse que esta viagem despertou. E, continuando, disse: — «A banda do 16.º Batalhão de Caçadores executou os hinos português e francês e o *Maire* de La Couture, após nos haver saudado, ofereceu-nos, a mim e ao senhor General Ferreira Martins, uma placa metálica comemorativa, com amáveis dizeres gravados, respeitantes a cada um de nós e à nossa acção como combatentes da primeira Grande Guerra»

Novamente se organizou um brilhante desfile, no qual tomaram parte inúmeras entidades e colectividades locais, que o Sr Coronel Roma citou pormenorizadamente e prosseguindo disse: — «Chegámos junto do monumento português aos nossos mortos, obra prima do grande escultor Teixeira Lopes, que se encontra a poucos passos da Igreja e do local onde existiu o reduto no qual me bati com os meus homens até ao dia 10 de Abril de 1918, esgotadas as munições. As bandeiras avançaram, conservando-se junto do monumento até final de toda a cerimónia. Prestadas as honras devidas, nele foi colocada, pelo senhor General Ferreira Martins, a palma de bronze por nós levada e que ficou a comemorar a primeira romagem de antigos combatentes idos de Portugal.

«Foi-me dado depor ali um lindo ramo de flores que levei de Lille, desempenhando-me do honroso encargo que me havia sido confiado pelo antigo Ministro da Guerra e Grande Português, senhor General Norton de Matos. O senhor General Ferreira Martins, a meu pedido, disse quem me tinha confiado esse encargo e que aquele senhor General fora quem organizara, como Ministro da Guerra, o Corpo Expedicionário Português. Ao terminar as suas breves palavras ouviu-se uma calorosa salva de palmas de toda a assistência que era constituída não sòmente por pessoas portuguesas, mas de outras nacionalidades».

Durante esta cerimónia discursaram ainda outras entidades — segundo disse o ilustre conferente — falando por último o prefeito de Pas de Calais, que louvou a acção de Portugal na primeira Grande Guerra, saudou os antigos combatentes portugueses e transmitiu «a homenagem reconhecida do Governo da República Francesa, aos seus heróis e mártires».

Piedosa romagem ao cemitério Militar Português de Richebourg L'Avoué

O Sr. Coronel Roma, prosseguindo na sua narrativa tão rica de pormenores e de sentidas evocações, referiu-se a uma cerimónia religiosa e disse: — «Terminada a cerimónia religiosa, seguimos, juntamente com as várias autoridades e delegações, para o cemitério militar português de Richebourg l'Avoué onde repousam 1831 combatentes portugueses em outras tantas sepulturas.

«Éramos aguardados, à entrada, pelo *Maire* da Comuna Coupet; o portão de ferro forjado, projecto de Leal da Câmara, é deveras artístico, tendo por principal motivo decorativo dois corações, e o conjunto reproduz, embora em grande, um desses trabalhos de filigrana, tão característicos da ourivesaria nacional.

«Esta visita foi cheia de emoção e de tristeza. Num silêncio profundo foram depostas flores junto ao Monumento que ali existe. Estavam humedecidos os olhos de muitos e os meus também. É que nos lembrávamos desses que ali repousam, mortos em plena juventude sem terem podido voltar a ver este lindo Portugal.

«Piedosamente fui junto da sepultura do meu querido amigo e antigo condiscípulo José Vieira de Faria que, como capitão do 20, morreu em 24 de Julho de 1917. Lá lhe deixei um ramo de flores, perfeitamente igual ao que, em nome do senhor General Norton de Matos, havia colocado no Monumento de La Couture.

«Passámos também pelo cemitério inglês de Le Touret, avançando para o cemitério de Notre Dame de Lorette, tendo-nos sido servido, no caminho, um almoço frio.

«Este cemitério é o maior do Norte da França.

«Nele repousam, em quarenta mil sepulturas, outros tantos combatentes franceses e no ossário alguns milhares de ossadas, francesas também, não identificadas.

«Em todos estes cemitérios militares há a ausência completa de arvoredo e, nas extensas planuras da Flandres e do Artois, em que assentam, erguem-se, sòzinhas, num alinhamento perfeito, as lápides e cruzes sepulcrais, como se, mesmo depois de mortos, esses soldados se mantivessem, ainda, em impecável formatura.

«É deveras impressionante.

«Neste existe, a meio, uma pequena e elegante basílica e perto, uma bela e alta torre isolada, que todas as noites se ilumina, cuja luz é visível de muitos e muitos quilómetros de distância.»

«Nas paredes, pelo lado exterior, estão gravadas várias legendas entre elas uma em verso, da autoria de Monsenhor Julien, que reza assim:

«Vous qui passez en pèlerins près de leurs tombes,
Gravissant leur calvaire et ses sanglants chemins,
Écoutez la clameur qui sort des hécatombes:
Peuples soyez unis! Hommes soyez humains!»

«Torna-se necessário não perder o contacto agora estabelecido, indo lá todos os anos alguns antigos combatentes»

O orador referiu-se ainda à recepção em Arras, onde os combatentes portugueses foram recebidos na Câmara Municipal, tendo a cidade, por intermédio do *Maire*, homenageado com medalhas, o Sr. General Ferreira Martins e o Sr. Coronel Bento Roma. A do conferente tinha numa das faces o brasão de Arras e na outra a dedicatória: «*Ao Coronel Bento Roma*».

E o Sr. Coronel Roma terminou a narração da visita ao norte da França com este apelo: — «Terminara a nossa romagem ao norte da França, principal motivo da sua organização. Prestáramos preito respeitoso e de saudade aos nossos mortos e saudáramos e confraternizáramos com tantos portugueses que ali se fixaram e com suas famílias.

«Torna-se necessário não perder o contacto agora estabelecido, indo lá todos os anos alguns antigos combatentes, poucos ou muitos, não importa, mas alguns. Por todos fomos recebidos com atenções e carinho inesquecíveis, incluindo autoridades civis, militares e eclesiásticas, e o bom e patriótico povo francês.»

No dia 23, em Paris, os membros desta embaixada de amizade foram recebidos na Câmara Municipal, na Casa da América Latina, onde, pelo «Comité» France-Portugal lhes foi oferecida uma linda festa com a presença de figuras das mais representativas da sociedade parisiense. Nesse dia à tarde, foram também recebidos na União Francesa das Associações dos Combatentes, assistindo o Ministro dos Antigos Combatentes.

A Recepção do Presidente da República Francesa

Continuando, o conferente disse: — «As 19 horas, quinze de entre nós, éramos recebidos por Sua Ex.ª o Presidente Vincent Auriol. Entre os 15 contava-se a Ex.ma Senhora D. Maria Luísa de Sá Viana, que fez parte do Grupo de senhoras que, durante a guerra, voluntàriamente, prestaram serviço em França como enfermeiras do Corpo Expedicionário Português.

«Introduzidos na sala de recepção do Palácio do Eliseu, e formando «cercle», sua Ex.ª o Presidente não se fez esperar. O senhor General Ferreira Martins pronunciou breves palavras, saudando-o e agradecendo-lhe a honra e distinção que nos concedia recebendo-nos.

«Passou a fazer as apresentações, tendo sua Ex.ª. o Presidente apertado a mão a todos e, em seguida, disse o quanto lhe era agradável poder estar alguns momentos junto de quem se havia batido em defesa da França; falou das duas últimas guerras, a segunda das quais produziu ruínas bem mais avultadas que a primeira; mas a França, acrescentou, nunca deixou de afincadamente trabalhar, sendo disso prova evidente a reconstrução e o incremento dado às suas indústrias, numa vontade firme que vencerá todas as dificuldades, nunca se desviando do seu ideal de liberdade e justiça. Pondo em destaque a amizade que liga o povo francês ao português, disse estar certo de que ela sempre se manterá, aumentando ainda mais, se possível for.

«Servido champanhe, ergueu a sua taça, fazendo votos sinceros pelas prosperidades dos presentes e de Portugal.

«Findara a recepção, não nos podendo esquecer da simplicidade e afabilidade do Presidente Auriol, nem da honra que nos deu, demais a mais tendo sida a primeira vez que um grupo de portugueses foi, isoladamente, recebido na Presidência da República Francesa.

«No dia seguinte, 25, uma empresa de transportes teve a gentileza de nos oferecer um passeio a Versalhes.

(Conclui na 11.ª página)